

**Mesa Temática:** Los cambios en la base de sustentación económica y la estructura social del territorio.

## **A INSERÇÃO DA FUMICULTURA EM ÁREAS TRADICIONAIS DA PECUARIA RIO-GRANDENSE<sup>1</sup>**

Meri Lourdes Bezzi

(Coordenadora, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Depto. de Geociências-NERA/CCNE-Universidade Federal de Santa Maria/RS-Brasil/E-mail: meri@oslo.ccne.ufsm.br)

Helena Brum Netto

(Colaboradora, Mestranda em Geografia/UFSM – RS-Brasil/Bolsista CAPES. E-mail: southelen@bol.com.br)

Roberto Barboza Castanho

(Colaborador, Doutorando em Geografia/UFU – MG/Participante do NERA/UFSM-RS-Brasil/Bolsista CAPES/E-mail: robertocastanho1@hotmail.com)

Mônica Cargnin

(Colaboradora, Graduanda em Geografia/UFSM–RS-Brasil. E-mail: mônica.facco@mail.universia.com.br)

Fernanda Dalosto Moraes

(Colaboradora, Graduanda em Geografia/UFSM–RS-Brasil. E-mail: nanda@mail.ufsm.br)

### **INTRODUÇÃO**

A constante busca pelo desenvolvimento tem proporcionado novas formas de organização do território rio-grandense nas últimas décadas, acarretando importantes transformações socioeconômicas, baseadas em novas atividades produtivas que venham a dinamizar este espaço produtivo.

O Rio Grande do Sul encontra-se atualmente dividido em sete regiões geoeconômicas, tendo como foco central a atividade primária, base da sua economia. Dentre as regiões individualizadas, destaca-se a região geoeconômica 1, caracterizada basicamente pela matriz tradicional alicerçada na pecuária bovina e na rizicultura. Por conseguinte, outras atividades têm se inserido neste recorte espacial gaúcho, originando uma reorganização espacial e, conseqüentemente, subdivisões regionais, proporcionando um maior detalhamento das atividades produtivas existentes.

Neste sentido, este estudo teve como objetivo central analisar a reorganização do espaço em áreas tradicionais da pecuária rio-grandense, com ênfase para a sub-região 1B, a qual tem na cultura do fumo seu principal agente dinamizador.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte integrante da pesquisa intitulada RIO GRANDE DO SUL: UMA PROPOSTA DE REGIONALIZAÇÃO, desenvolvida com recursos PROADE 2/FAPERGS no Núcleo de Estudos Regionais e Agrários (NERA) sediado no Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria-NERA/GCC/CCNE/UFSM.

A estrutura da porção centro-sul do Rio Grande do Sul é marcada basicamente pela atividade pecuarista desde os primórdios do processo de ocupação e povoamento do Estado, caracterizada, portanto, como uma estrutura secular, baseada no latifúndio pastoril. Posteriormente, em meados do século XX, tal arranjo socioespacial permitiu a inserção da rizicultura, como uma forma de manter a posse da terra e, mantê-la produtiva através do arrendamento. Configurou-se, então, a matriz tradicional que caracteriza esta porção do espaço gaúcho, alicerçada na pecuária bovina e nas lavouras de arroz.

Entretanto, os novos rumos da economia mundial, cuja característica predominante é a competitividade levam o produtor a buscar maiores rendimentos no que se refere à produtividade e também ao retorno financeiro da produção primária. Desta forma, houve a inserção da fumicultura em áreas tradicionais da pecuária rio-grandense, marcando a coexistência entre estas atividade econômicas visando dinamizar este espaço produtivo através da diversificação da produção.

Tal situação demonstra os novos arranjos espaciais que se configuram no Estado gaúcho diante das exigências do capital, agente responsável pela organização e reorganização produtiva do espaço mundial. Portanto, o fumo é uma das novas cadeias produtivas que se inseres na região geoeconômica 1 visando combater a estagnação da Metade Sul do Estado, trazendo consigo novas perspectivas de reordenamento territorial e de desenvolvimento local/regional, principalmente por ser a fumicultura uma atividade altamente rentável.

## **METODOLOGIA**

A operacionalização dos dados para a realização desta pesquisa esteve, num primeiro momento, atrelada a um amplo levantamento bibliográfico, para estabelecer o referencial teórico, procurando aprofundar o marco teórico e metodológico da pesquisa, através de bibliografias específicas sobre a temática abordada. Neste sentido, utilizou-se de conceitos básicos como região e regionalização, desenvolvimento regional e organização do espaço. Além disso, resgatou-se questões relativas às bases físico-naturais do território gaúcho e ao processo de povoamento e ocupação do Rio Grande do Sul, o qual engloba a imigração e a identidade cultural. E, procurando conhecer a realidade das unidades territoriais, procurou-se, em bibliografias específicas, informações a respeito dos municípios que compõe a sub-região 1A.

A regionalização do território gaúcho, a conseqüente individualização da região geoeconômica 1, com suas sub-regiões, considerou a heterogeneidade espacial, ou seja, a presença desigual do capital no setor primário, o qual constitui a base da sua economia. O enfoque principal considerou fatores como a estrutura fundiária, áreas com potencial industrial representativo, áreas com disponibilidade e outras com falta de mão-de-obra, áreas com potencial turístico, áreas privilegiadas pela presença da malha viária, áreas com a presença

de novas cadeias produtivas como a fruticultura e o florestamento, que buscam dinamizar, justamente, a Metade Sul do Rio Grande do Sul, onde se localiza a região geoeconômica 1 e, suas sub-regiões.

O laboratório de estudo desta pesquisa constituiu-se nos 496 municípios que compõe o Rio Grande do Sul, sendo que a região geoeconômica 1 compõe-se de 110 municípios e, a sub-região 1B de 5 municípios. Para cada unidade territorial foram coletadas informações referentes às variáveis que se faziam presentes na mesma, sendo este o critério determinante para subsidiar o agrupamento dos municípios e, a posterior formação da região geoeconômica. Salienta-se que na escolha das variáveis que caracterizam o município, o critério estabelecido foi o de maior área plantada, sendo este, portanto, o elemento que levou a individualizar o recorte espacial. Em algumas regiões geoeconômicas houve a presença significativa de alguns produtos, distintos da matriz tradicional, como no caso da sub-região 1B, a presença das lavouras de fumo. Tal situação originou subdivisões nas regiões estabelecidas, marcadas pela coexistência da matriz tradicional com novos atores econômicos.

Como variáveis selecionou-se, para a agricultura a área plantada (ha), quantidade produzida (toneladas) e o rendimento médio (kg/ha). No que se refere à pecuária considerou-se o maior número de cabeças por municípios de bovinos, suínos e aves. Além disso, procurou-se demonstrar, em cada região geoeconômica, as áreas com maiores e menores rendimentos médios para cada produto dominante. Isto permitiu verificar que as unidades territoriais mais produtivas são aquelas que aliam as potencialidades físico-naturais ao investimento tecnológico.

Definidas as variáveis, delineou-se a parte prática da pesquisa. A investigação baseou-se em fontes primárias realizadas através do trabalho de campo (entrevistas) junto aos municípios, aferindo as variáveis referentes a temática em estudo. Paralelamente, utilizou-se de fontes secundárias através de dados estatísticos fornecidos pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o período de 2003/2004/2005, Secretaria de Planejamento dos Municípios, Secretaria de Agricultura dos Municípios, Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDES), Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e demais órgãos estaduais e municipais.

A partir desses dados estruturou-se um banco de dados referente aos principais produtos primários que alicerçam a economia do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, da região geoeconômica 1. Ressalta-se que os dados coletados foram tabulados em planilhas previamente elaboradas no software Word, possibilitando posteriormente, sua inserção no software Arc View GIS 3.2a. Este possibilitou agregar os dados que foram a base para as etapas de análise, interpretação e espacialização dos mesmos. Paralelamente, foram sendo gerados os recortes espaciais para a formação das regiões geoeconômicas gaúchas e, suas sub-regiões.

Considerando a regionalização proposta realizou-se a interpretação e análise das regiões geoeconômicas individualizadas. Cada região foi interpretada e analisada através de uma visão sistêmica, a qual procurou inter-relacionar os aspectos físico-naturais, socioeconômicos, políticos e culturais. Esta interação subsidiou a

releitura do espaço gaúcho, demonstrando que a dinâmica territorial tem no capital seu principal agente econômico transformador.

## RESULTADOS

A sub-região 1B é composta pelas unidades territoriais: Paraíso do Sul, Novo Cabrais, Cerro Branco, Candelária e Rio Pardo. Esta sub-região individualizou-se por apresentar características peculiares em relação à região geoeconômica 1. Embora predomine o cultivo do arroz nas médias e grandes propriedades, a fumicultura coexiste com a mesma nesta porção do espaço, porém predomina nas pequenas propriedades configurando-se como importante agente dinamizador da economia dos municípios que a compõe. (Figura 1).

Neste sentido, estes municípios constituíram-se em uma sub-região de transição com a região geoeconômica 2, na qual o fumo é a cultura predominante.

As lavouras de arroz predominam em área plantada nos municípios desta sub-região, com destaque para: Rio Pardo (8.503 ha) e Candelária (8.005 ha), que por possuírem as maiores extensões territoriais, também, apresentam as maiores áreas destinadas a orizicultura, geralmente em grandes e médias propriedades.

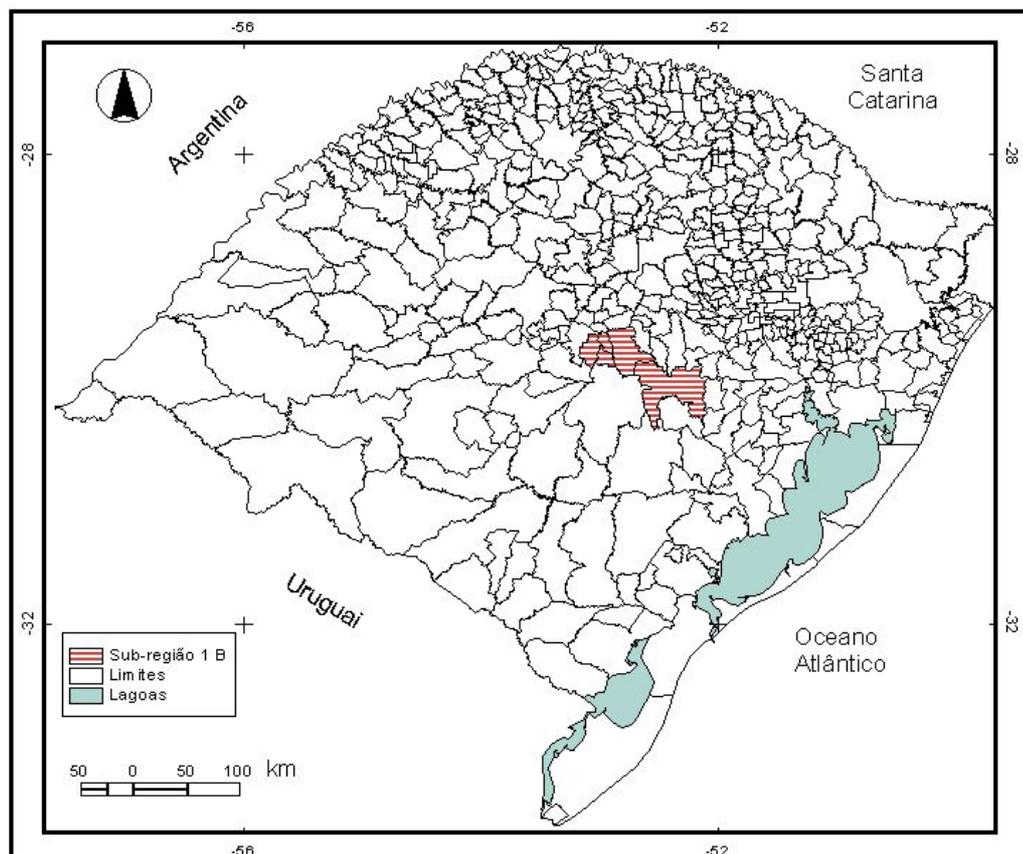


Figura 1: Sub-região Geoeconômica 1B – Pecuária, Arroz e Fumo.  
Fonte: Elaboração a partir do software ArcView 3.2a.  
Org.: Equipe técnica – NERA/2005.

Nas demais unidades territoriais que compõe esta sub-região, o arroz também predomina em área plantada, porém, em pequenas e médias propriedades, com destaque para Paraíso do Sul (3.750 ha), Novo Cabrais (1.625 ha) e Cerro Branco (926 ha). (IBGE, 2003). Tal situação é resultado do processo colonizador ocorrido nesta sub-região, principalmente, com imigrantes alemães, que receberam pequenos lotes de terra para cultivar e, por consequência, deram seguimento a agricultura em pequenas propriedades.

O município de Rio Pardo originou-se a partir de um núcleo militar e teve seu desenvolvimento ancorado pela imigração açoriana, a qual passou a desenvolver a agropecuária e o comércio. Por ter sido um dos quatro municípios iniciais do Rio Grande do Sul, possuía uma considerável extensão territorial (16.803 km<sup>2</sup>). Entretanto, sua área foi decrescendo à medida que as divisões municipais foram ocorrendo. Esse fato justifica a estrutura fundiária, que permanece baseada em grandes propriedades decorrentes de sua origem até o início de sua ocupação e povoamento e, que ainda se faz presente até a atualidade, tornando-o distinto em relação aos demais municípios que compõe essa sub-região.



Figura 2: Área de várzea preparada para o cultivo do arroz na Região Geoeconômica 1B.  
Fonte: Trabalho de campo, 2005.

A orizicultura desenvolve-se nas várzeas do rio Jacuí, importante reserva d'água que atravessa a sub-região B, bem como se utiliza da disponibilidade hídrica dos seus afluentes para beneficiar essa

cultura. De maneira geral, as lavouras de arroz concentram-se na Depressão Central do Rio Grande do Sul, aproveitando-se das áreas mais planas proporcionadas por este compartimento geomorfológico.

Destaca-se que, os aspectos físico-naturais aliados aos investimentos em tecnologia, como alta mecanização e uso de insumos agrícolas permitem que esta sub-região obtenha altos índices de produtividade, para o arroz com uma média de 5.280 kg/ha. (IBGE, 2003).

Neste sentido, destaca-se com elevados índices de produtividade nesta sub-região os municípios de Cerro Branco (5.403 kg/ha), Paraíso do Sul (5.293 kg/ha) e Rio Pardo (4.493 kg/ha). (IBGE, 2003). Sendo que, esta cultura desenvolveu-se ao longo do processo evolutivo da sub-região 1B, constituindo-se num dos principais segmentos produtivos deste espaço, juntamente com a pecuária e o fumo.

Além da cadeia produtiva do arroz, a pecuária bovina de corte compõe outra matriz produtiva tradicional da região geoeconômica 1 e, na sub-região 1B, apresenta uma produção média de 39.516,8 cabeças/município. Salienta-se que, o maior rebanho bovino está em Rio Pardo, perfazendo cerca de 137000 cabeças de gado, em geral, em grandes propriedades. (IBGE, 2003).

Portanto, considera-se esta concentração como um resquício da cadeia produtiva originária desse recorte espacial, ou seja, na pecuária bovina, a qual constituía-se na sua principal atividade econômica, pois Rio Pardo era trajeto dos tropeiros que conduziam os rebanho para serem comercializados fora do Rio Grande do Sul.

Os demais municípios que compõe a sub-região 1B, por terem suas origens atreladas ao processo colonizador europeu, não acompanham de forma tão significativa a tradição pecuarista desta porção do espaço gaúcho. Entretanto, a criação de gado se faz presente nestas unidades territoriais, em maiores contingentes, destacando-se Candelária por possuir um rebanho com 43.000 cabeças, seguida por Paraíso do Sul (10.000 cabeças), Novo Cabrais (4.000 cabeças) e Cerro Branco (35.84 cabeças). (IBGE, 2003).

No que se refere à fumicultura, esta atividade desenvolve-se nas áreas mais declivosas do Rebordo do Planalto da Bacia do Paraná, na porção centro-norte desta sub-região, uma vez que não exige topografia plana como o arroz irrigado.

Salienta-se que, o fumo surge como uma cultura complementar, desenvolvida em pequenas propriedades, em geral, nas unidades territoriais oriundas do processo colonizador, com imigrantes alemães.

Relativo a importância desta cultura para as colônias alemãs, Roche (1960, p. 51), destaca-se que:

O fumo foi cultivado pelos imigrantes desde cedo. O governo preocupado com a separação das folhas de qualidade e a seleção das sementes, mandou distribuir livros aos plantadores, os quais continham conselhos redigidos em alemão e português. O plantio é compensador, pois em média, seu preço é de cinco a sete vezes mais alto que a dos outros produtos agrícolas.

Atualmente, o fumo continua sendo um produto compensador financeiramente e, por este motivo continua sendo amplamente cultivado, mesmo diante das restrições para exportação e campanhas antitabagismo.

Destaca-se que, esta atividade resulta da expansão da fumicultura a partir da antiga colônia de Santa Cruz, penetrando em uma área tradicional do binômio pecuária-arroz.

O fumo coexiste, em todas as unidades territoriais da sub-região 1B, com a matriz produtiva tradicional que individualizou a região geoeconômica 1, tornando-se significativo para suas economias, pois se constitui num produto altamente compensador financeiramente.

As maiores áreas plantadas destinadas ao fumo situam-se nos municípios de Candelária (8.000 ha) e Rio Pardo (3.330 ha), seguido por Paraíso do Sul (2.100 ha), Cerro Branco (1.550 ha) e Novo Cabrais (1.400 ha). Sendo que, estes municípios apresentam um rendimento médio de 1.620 kg/ha, com destaque para Paraíso do Sul (1.700 kg/ha), Cerro Branco (1.620 kg/ha) e Novo Cabrais (1.600kg/ha). (IBGE, 2003).

Estes índices de rendimento devem-se a fertilidade natural dos solos provenientes do Rebordo do Planalto aliada à tecnologia proporcionada pela indústria fumageira, via pacote tecnológico, como incentivo à expansão da produção e melhoria da qualidade do produto final.

De maneira geral, justifica-se a presença do fumo nesta porção do espaço pela proximidade com a região geoeconômica 2, na qual este produto constitui-se na principal cadeia produtiva. Dessa forma, a sub-região 1B configura-se na transição entre as regiões geoeconômicas 1 e 2, sendo que se situa entre as duas porções que individualizaram a região geoeconômica 2 - fumo.

Tal configuração, atesta a dinâmica das regiões geoeconômicas rio-grandenses, constituídas por um produto principal, mas geralmente coexistem com outros secundários, os quais balizam os limites regionais, sem cortes bruscos no espaço, ou seja, na natureza a passagem de uma região geoeconômica para outra e altera-se gradativamente.

Neste sentido, além do arroz e do fumo, surgem outras culturas, visando incrementar o setor produtivo desta sub-região, como o milho, com significativa área plantada nos municípios de Candelária (10.470 ha), Rio Pardo (3.500 ha) e Novo Cabrais (3.000 ha). E, também, a soja, beneficiando-se do retorno financeiro e da diversificação da produção agrícola, principalmente em Candelária, cuja área destinada ao plantio abrange 11.500 ha, Rio Pardo com 11.000 ha e Cerro Branco com 2.000 ha. (IBGE, 2003).

Em geral, as lavouras temporárias dinamizam a economia da sub-região B, via investimentos em mecanização e insumos com intuito de atingir maiores índices de produção e garantir uma colheita satisfatória, que além de cobrir as despesas com financiamento, proporcionem o lucro, para que o produtor rural consiga manter-se nesta atividade.

No entanto, outras atividades desenvolvem-se nesta sub-região 1B, visando a manutenção, principalmente, das pequenas propriedades de renda familiar, nas quais destaca-se o cultivo de

hortigranjeiros. Estes são comercializados em feiras locais e buscam agregar valor à produção garantindo um retorno financeiro significativo, em menor período de tempo, em geral, semanalmente.

Ressalta-se que, as recentes emancipações e a vocação essencialmente agrícola desta sub-região, fazem com que alguns municípios estabeleçam relações de dependência quanto à prestação de serviços (comércio e finanças) com outros municípios de seu entorno, principalmente, com Cachoeira do Sul. Tal situação pode ser comumente identificada municípios emancipados recentemente do Rio Grande do Sul, cujas economias dependem, basicamente do setor primário, pois não conseguem ser auto-suficientes em função da falta de investimentos nos setores básicos das cidades, ou seja, pela deficiência na estrutura básica como um todo.

Como ponto positivo, pode-se destacar que, esta sub-região possui importantes vias para escoamento da produção agropecuária, como as rodoviárias, RS 287 e BR 290, e fluvial, rio Jacuí, bem como se beneficia da proximidade com a região metropolitana de Porto Alegre para o comércio e, de certa forma com o porto de Rio Grande, principal escoador da produção gaúcha. Sua localização no centro-norte da região geoeconômica 1 permite alguns benefícios no que se refere à acessibilidade para comercialização da produção agropecuária desta sub-região.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A sub-região 1B caracteriza-se pela coexistência da matriz tradicional com o fumo e, situa-se no centro-norte da região geoeconômica 1, entre os dois recortes espaciais que individualizaram a região geoeconômica 2, cuja matriz tradicional é baseada nas culturas do fumo e do milho. (Figura 3).

Compõe-se de municípios com forte influência do pólo fumageiro de Santa Cruz, mas que não deixaram à atividade pecuarista e orizícola por completo. Portanto, demonstra o caráter transitório desta sub-região geoeconômica, uma vez que preenche o espaço existente entre os dois recortes espaciais da região 2.

Embora o fumo tenha presença significativa como um novo ator econômico, o qual visa dinamizar e diversificar a produção da região geoeconômica 1, o arroz permanece como o principal produto agrícola em área plantada.

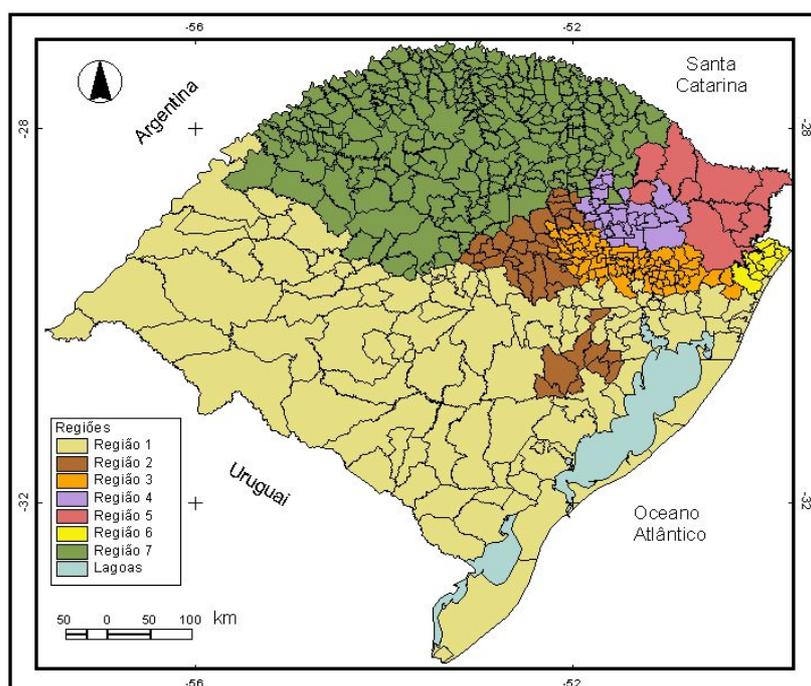


Figura 3: Regiões Geoeconômicas do RS<sup>2</sup>.

Fonte: Elaboração a partir do software ArcView 3.2a.

Org.: Equipe técnica – NERA/2005

As lavouras de arroz beneficiam-se das potencialidades naturais para se expandirem e se desenvolverem na sub-região 1B, como os recursos hídricos abundantes e a topografia plana, característica da Depressão Central do Rio Grande do Sul. Salienta-se que, os fatores naturais aliados aos investimentos em tecnologia garantem altos índices de produtividade e, bom retorno financeiro ao produtor rural.

Destaca-se também que, além da orizicultura, a pecuária bovina de corte compõe a matriz tradicional desta sub-região geoeconômica, desenvolvendo-se em grandes propriedades, como um resquício da cadeia produtiva originária deste recorte espacial, tendo no município de Rio Pardo seu principal expoente.

Já o fumo, teve sua inserção via processo de colonização com forte influência da ex-colônia de Santa Cruz pelos imigrantes alemães. Desenvolve-se na porção centro-norte da sub-região 1B, em áreas mais declivosas do Rebordo do Planalto da Bacia do Paraná, uma vez que não exige topografia plana como é o caso do arroz.

A rentabilidade financeira do fumo o torna um produto altamente compensador e, portanto, tem ainda em curso seu processo de expansão. A cultura do fumo coexiste em todas as unidades territoriais da sub-região 1B com a matriz tradicional e, conseqüentemente, contribuindo significativamente para as suas

<sup>2</sup> Este mapa representa a regionalização do estado do Rio Grande do Sul em sete regiões geoeconômicas como resultado final da proposta de regionalização desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Regionais a Agrários/UFSM, com recursos do PROADE 2/FAPERGS.

economias e, de certa forma, diversificando-a. Constitui-se, portanto, num agente dinamizador do segmento produtivo deste recorte espacial gaúcho.

## **BIBLIOGRAFIA**

BACELAR, T. Dinâmica regional brasileira nos anos noventa: rumo à desintegração competitiva? In: **Redescobrimo o Brasil – 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 73 – 91.

BEZZI, M.L. **Região**: Uma (re)visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências, Rio Claro, UNESP, 1996. 377p. (Tese de Doutorado), IGCE/UNESP.

\_\_\_\_\_. **Região**: Uma (re)visão historiográfica – Da gênese aos novos paradigmas. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2004.

BRUM NETO, H. **O processo de ocupação étnico-cultural e sua influência na organização do espaço geográfico da Microrregião Geográfica de Restinga Seca-RS**. 91 f. Trabalho de Graduação (Geografia-Licenciatura) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2005.

CORRÊA, R. L. **Região**: a tradição Geográfica. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1995. 11p. (Inédito)

DUARTE, A. C. Regionalização: considerações metodológicas. **Boletim de Geografia Teórica**, Rio claro, 10 (20): 5-32, 1980.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Notícias**. Disponível em: <<http://www.embrapa.br>>. Acesso em: 10 nov. 2005.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. **25 anos de economia gaúcha**. Porto Alegre: FEE, v. 3, 1978.

FUNDAÇÃO DE AMPARO AOS MUNICÍPIOS DO RIO GRANDE DO SUL. **Municípios**. Disponível em: <<http://www.famurs.com.br/municípios>>. Acesso em: 02-20 out. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **idades @**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidades@>>. Acesso em: 02-20 out. 2005.

\_\_\_\_\_. **Geociências**. 1997. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/geociencias>>. Acesso em: 15 set. 2005.

MOURA, L. G. V.; MIGUEL, L. A; ALMEIDA, J. **A sustentabilidade na produção fumageira: as contradições entre o econômico, o social e o ambiental**. (artigo científico). Disponível em: < <http://www.Eco.unicamp.br/projetos/rurbanos/zipados/moura.pdf> >. Acesso em: 10 dez. 2003.

PAVIANI, A. Dinâmica regional e os desafios para a regionalização. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, 22 (43-44): 368-374, 1992.

PROFRUTA/RS apresenta balanço positivo ao completar um ano. **A Platéia**, Santana do Livramento, 03 set. 2004. Disponível em: < <http://www.aplateia.com.br> >. Acesso em: 10 out. 2005.

RAMBO, S.J.P.B. **A Fisionomia do Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre: Ed. da UNISINOS, 2000.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, A de L. **O processo de reorganização do espaço agrário no município de Rosário do Sul**. 2004. 61 f. Trabalho de Graduação (Geografia-Licenciatura)- Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. 124p. (Geografia: Teoria e Realidade, Série "Linha de Frente")

SOUZA, M. A. de. "A explosão do território: falência da Região?" **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, 22 (43-44): 393-398, 1992.

VIEIRA, E. F. **Rio Grande do Sul: Geografia Física e Vegetação**. Porto Alegre: Sagra, 1984.

\_\_\_\_\_; RANGEL, S. S. **Geografia Econômica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sagra, 1993.

Fruticultura muda a paisagem da Metade Sul. **Zero Hora**, Porto Alegre, 22 out. 2004. Disponível em: <http://www.zerohora.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2005.

